

*Trabalho de campo em área de turismo rural:
proposta metodológica no ensino da Geografia*

*Field work in area of cottage: proposal methodology in the
teaching of Geography*

*Trabajo de campo en zona de casa rural: metodología
propuesta en la enseñanza de la Geografía*

Daniele Lima Gelbcke
Universidade Federal de Santa Catarina
dani.gelbcke@gmail.com

Rosani Lidia Dahmer
Universidade Federal de Santa Catarina
rosanilidia@gmail.com

Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins
Universidade do Estado de Santa Catarina
rosa.martins@udesc.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o trabalho de campo em área de turismo rural como proposta metodológica a ser desenvolvida no ensino de Geografia. Parte-se do princípio que, para o aprendizado ser significativo, os alunos devem ser capazes de estabelecer relações entre os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e aqueles vivenciados no cotidiano, relacionando conceitos e conteúdos com seus cotidianos, em diferentes escalas de análises geográficas. Estudando a categoria paisagem, podemos abordar o tema meio ambiente na disciplina da geografia. O turismo rural pedagógico se apresenta como metodologia diferenciada para a educação básica e ensino superior, do ponto de vista interdisciplinar e atendendo a transversalidade da temática ambiental. A *Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia* oferece entre outras modalidades de turismo rural, o pedagógico, atendendo alunos e professores das escolas de diferentes lugares do Estado de Santa Catarina, valorizando as propriedades das famílias agricultoras, que passaram a diversificar suas atividades, adequando-as as novas realidades.

Palavras-chave: trabalho de campo, turismo rural, Geografia, meio ambiente, prática docente.

Abstract

This article focuses on the role of field work in rural area tourism as a methodology proposed for development in Geography teaching. We depart from the principle that students must be able to establish relationships between content developed in the classroom and their own life experiences in order to have meaningful learning, relating concepts and content with their daily lives in different geographical scales of analysis. It is possible to approach the environmental issue within the discipline of geography through the study of the landscape. Pedagogical rural tourism comes as an alternative methodology for both basic and higher education from an interdisciplinary point of view while considering the mainstreaming of environmental issues. One of the modalities offered by an association of colonial agritourism named *Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia* is pedagogical, thus providing for both students and teachers from schools in different places of Santa Catarina state while increasing property value of farming families, who have started to diversify and adapt their activities to a new reality.

Keywords: Field Work, Rural Tourism, Geography, Environment, Teaching Practice.

Resumen

Este artículo presenta una reflexión sobre el papel del trabajo de campos en un espacio de turismo rural como propuesta metodológica a ser desarrollada en la enseñanza de Geografía. Se supone que, para que el aprendizaje sea significativo, los alumnos deben ser capaces de establecer relaciones entre los contenidos desarrollados en aula y aquellos vivenciados en su cotidiano. A través del estudio del paisaje podemos abordar el tema medio ambiente en los estudios de Geografía. El turismo rural pedagógico se presenta como metodología alternativa diferenciada hacia la educación básica y la educación superior por el punto de vista interdisciplinar y sirve a la transversalidad de la temática ambiental. La *Associação de Agroturismo Acolhida na Colonia* ofrece, entre otras formas de turismo rural, el pedagógico, al servicio de estudiantes y maestros de las escuelas de diferentes lugares del Estado de Santa Catarina, dando valor a las propiedades de las familias agricultoras, que pasaron a diversificar sus actividades, adaptándolas a las nuevas realidades.

Palabras clave: trabajo de campo, turismo rural, Geografía, medio ambiente, práctica docente.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre a prática docente do ensino da geografia escolar, destacando o trabalho de campo em área de turismo rural, como proposta metodológica de ensino. Parte-se do princípio que, para o aprendizado ser significativo, os estudantes devem ser capazes de estabelecer conexões entre os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e aqueles vivenciados no seu cotidiano, e compreender o mundo através de diferentes escalas de análises geográficas, das mais próximas às globais, relacionando-as. Toma-se como base para abordar o assunto, a categoria paisagem, a qual permite além do trabalho pedagógico próprio da disciplina da geografia, relacioná-lo ao tema meio ambiente. Esta categoria pode ser trabalhada através de saídas de campo, sendo o meio rural um espaço metodologicamente interessante

por propiciar aos estudantes a confrontação entre a realidade rural e urbana, através da interação com seus atores sociais, os agricultores.

A geografia enquanto ciência social tem estudado o espaço e suas interações como processos orientados e/ou determinados pelos homens. Desta forma, instrumentalizar os alunos com saberes, habilidades e atitudes que proporcionem sua compreensão sobre as dinâmicas sócio-espaciais, é dotá-los de condições para o pleno exercício da cidadania quando adultos. Desta forma, a compreensão do espaço geográfico deve respeitar as possibilidades cognitivas, sociais e afetivas dos alunos, motivo pelo qual geralmente se trabalha a partir dos espaços próximos, vividos, para posteriormente abarcar os espaços distantes, percebidos e concebidos. É neste sentido, que as escalas de análise geográfica contribuem para a compreensão do espaço como um todo, partindo de recortes locais aos espaços mais amplos, regionais, nacionais e globais.

Diante desta complexidade, a aprendizagem da geografia deve ser considerada como um processo de desenvolvimento do indivíduo, um entendimento que supera a simples apresentação de conteúdos. Alcançar tal objetivo requer da parte do professor a capacidade de mediar relações e interações com o conteúdo escolar, o que implica em novas posturas de ensino, capazes de fomentar no aluno a competência de realizar raciocínios geográficos, que permitam entender a dinâmica e a expressão social no espaço em diferentes escalas de análise (BRAUN, 2005).

Várias são as ferramentas/metodologias que podem ser utilizadas para superar a tradicional didática do ensino, que trabalha com a apresentação e memorização de conteúdos, sem a efetiva participação dos alunos na construção do conhecimento. Dentre as metodologias de ensino-aprendizagem, a saída de campo se mostra como uma ferramenta interessante, na medida em que coloca os alunos em contato com determinada realidade, fora do ambiente escolar. Assim, a proposta deste artigo é fazer uma reflexão sobre o papel das saídas de campo, tomando como exemplo, a observação da paisagem no espaço rural. Esta análise vai contar com a contribuição da experiência de turismo pedagógico da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, organização formada por agricultores familiares de Santa Catarina, que tem como prática disponibilizar as propriedades rurais para as escolas, e compartilhar conhecimentos e saberes com os alunos.

Contextualização da Acolhida na Colônia

Acolhida na Colônia é uma associação de agricultores familiares constituída em 1999, no Estado de Santa Catarina, mais precisamente na região das Encostas da Serra Geral, próximo a capital Florianópolis. O objetivo desta organização é valorizar a agricultura familiar através do turismo integrado às atividades de produção agrícola.

Esta Associação nasceu a partir do projeto “Desenvolvimento Territorial Sustentável das Encostas da Serra Geral”. O território das Encostas é formado por municípios predominantemente agrícolas, mas cuja produção é dificultada por ser uma região montanhosa e de difícil acesso. A idéia de desenvolver um processo de desenvolvimento territorial partiu de um grupo de produtores do município de Santa

Rosa de Lima (localização na Figura 1), descontentes com os rumos que vinha tomando a agricultura, marcada por várias crises, um forte êxodo rural e o empobrecimento das famílias. Esta iniciativa conta com a colaboração de professores da Universidade Federal de Santa Catarina e algumas ONGs que atuam na região.

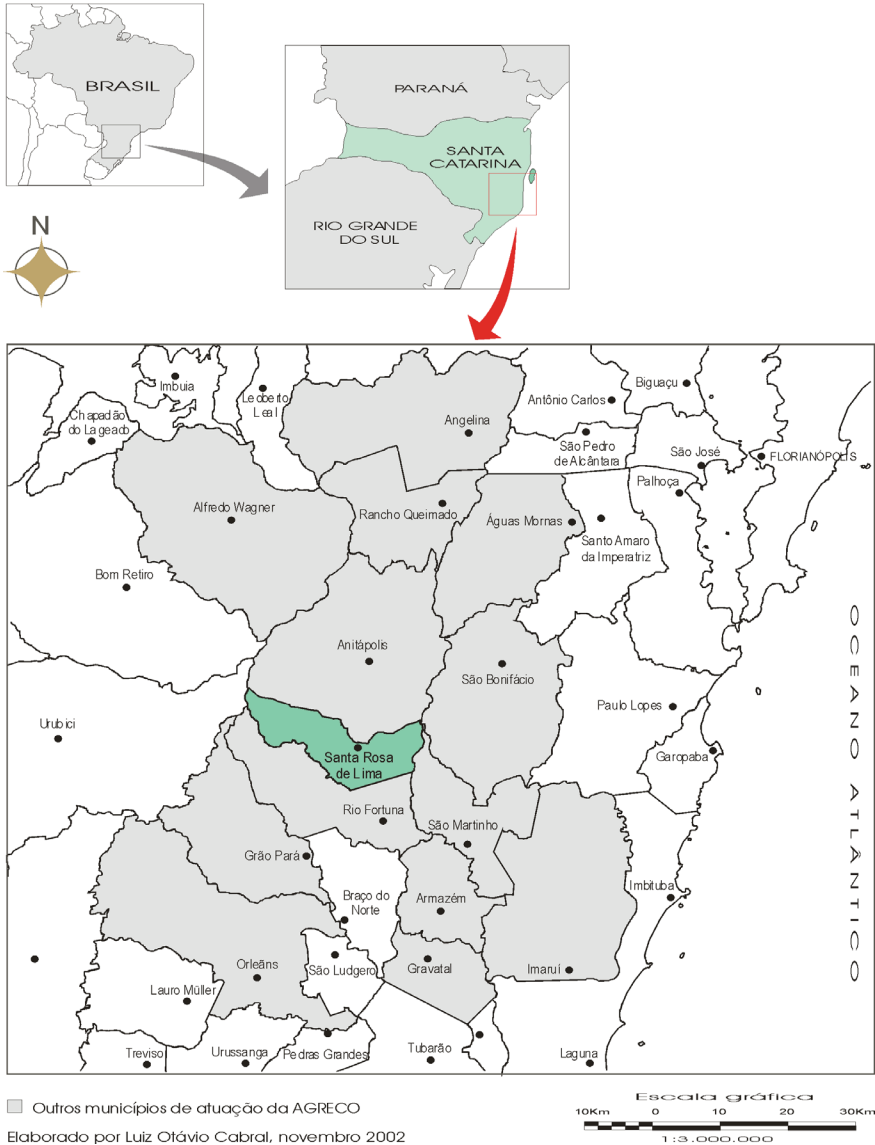


Figura 1 – Localização do município de Santa Rosa de Lima

Cientes do capital social e da importância ambiental do território, o projeto territorial surge pautado em três atividades complementares, a produção de alimentos orgânicos; a construção de agroindústrias de processamento para o beneficiamento e agregação de valor dos produtos orgânicos; e o agroturismo ecológico. Este tripé tem como objetivo o desenvolvimento do território a partir de seus atributos naturais, ecológicos e culturais, visto que, a região conhecida como Encostas da Serra Geral é considerada um corredor ecológico, por estar localizada entre o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e o Parque Nacional de São Joaquim. Assim, a primeira organização social legalmente constituída que surge deste processo é a Associação de Agricultores Agroecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO) em 1996. Seus associados investiram esforços na produção e beneficiamento de alimentos agroecológicos e orgânicos.

O trabalho inovador da AGRECO chamou a atenção de agricultores, técnicos, estudantes e consumidores de várias partes do estado e fora dele, que passaram a visitar a experiência. A falta de infra-estrutura hoteleira e de restaurantes no município de Santa Rosa de Lima levou os agricultores a receberem os visitantes em suas casas. Como a discussão em torno do processo de desenvolvimento já era fomentar atividades agrícolas e não agrícolas que valorizassem os atributos do território, o agroturismo surgiu como demanda e oportunidade.

Através da parceria estabelecida pela AGRECO com o Centro de Apoio à Agricultura Familiar em Grupo (CEPAGRO) do estado de Santa Catarina, os agricultores que aderiram ao projeto tomaram conhecimento de uma experiência iniciada na França pela Associação *Accueil Paysan*, cujo foco é valorizar e viabilizar a agricultura familiar através do agroturismo. A experiência francesa se mostrou condizente com o que vinha sendo proposto nas encostas da Serra Geral culminando em uma parceria, e logo após, na fundação da Associação Acolhida na Colônia em 1999, enquanto primeira experiência de agroturismo na América Latina a fazer parte da rede internacional *Accueil Paysan*. Ambas as associações compreendem o agroturismo como parte integrante da atividade agrícola; respeitosa do meio ambiente; fator de desenvolvimento rural; canal de aproximação e solidariedade entre atores do meio urbano e rural; e atividade disposta a compartilhar com os visitantes os conhecimentos e atividades dos agricultores.

Com o passar dos anos, o número e o perfil de visitantes se ampliou. A (re) estruturação e adequação das propriedades contribuíram para redimensionar o projeto, criando visibilidade e chamando a atenção de turistas interessados em usufruir de espaços tranquilos, locais de hospedagem autênticos e alimentação saudável. Mesmo com a ampliação e mudança do público consumidor, a troca de conhecimentos continuou sendo um grande atrativo, sobretudo em função da experiência dos agricultores em torno da produção orgânica de alimentos. Cientes da importância do seu conhecimento e saber fazer, e visualizando nisso uma oportunidade, os agricultores da Acolhida na Colônia se colocaram como desafio desenvolver uma proposta de turismo pedagógico voltado para as escolas de ensino básico e fundamental. A ideia foi transformada em projeto e recebeu o apoio financeiro do Ministério do Turismo, para a contratação de uma consultoria pedagógica para desenvolver as atividades e preparar os agricultores.

Este breve histórico aponta que a Acolhida na Colônia desempenha desde o início um papel pedagógico, visto que, seu primeiro público era composto por técnicos,

agricultores, estudantes universitários e consumidores interessados em conhecer as experiências de produção orgânica, de agroindústrias familiares, de associativismo e do agroturismo.

O perfil pedagógico da associação se justifica, pois os sujeitos ativos do processo, que são os agricultores, são também atores e formadores, na medida em que compartilham com turistas e estudantes seus conhecimentos.

Prática docente de geografia

Antes de refletir sobre a saída de campo em área de turismo rural como metodologia de ensino, é importante compreender como se dá a prática docente da geografia. Por muito tempo, a construção pedagógica do saber geográfico esteve, e ainda está centrada no discurso oral de aulas expositivas e leitura de textos dos livros didáticos. Com a incorporação dos recursos midiáticos no fazer pedagógico, pouca coisa mudou, do quadro negro passou-se para o quadro branco ou para a lousa digital, utilizando os recursos da internet. Não é raro o professor e seu saber continuarem no centro do processo. Este fato é acentuado pela prática da memorização, que leva ao esvaziamento da construção de significados, provocando a falta de interesse dos alunos pelo estudo da geografia.

A dificuldade da transposição didática do conhecimento acadêmico para o cotidiano escolar é desafio constante de todo professor profissional ao concluir formação acadêmica. É necessário desenvolver habilidades e competências para a articulação entre o conhecimento adquirido na graduação, e as necessidades de ensino e aprendizagem dos alunos da educação básica. Assim, no processo de construção de saberes pedagógicos são vivenciadas e experimentadas metodologias de ensino que possam contribuir para a prática docente diferenciada.

Na geografia escolar, a construção de conceitos e significados de forma autônoma por parte dos alunos é fundamental, para que os mesmos compreendam e estabeleçam relações entre os homens e o espaço. Para alcançar tal objetivo, Figueiredo (2012) explica que é preciso aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula com informações e significados dos espaços vividos dos alunos, e dos demais grupos, reduzindo o distanciamento da realidade com os conteúdos dados em sala. Neste sentido, as saídas de campo apresentam-se como metodologia da geografia escolar, dando significado aos conceitos e conteúdos, e assegurando espaços de aprendizagem diferenciados, adequados às novas realidades.

O trabalho pedagógico quando promove a interação entre teoria e prática pode contribuir para a importância que os adultos dão à geografia escolar, no decorrer de suas vidas. Assim, a participação efetiva dos alunos e, as atividades que desempenham têm um papel ativo na transformação dos mesmos em atores e autores de sua aprendizagem. A geografia é uma disciplina que apresenta vantagens, uma vez que, ao estudar o espaço geográfico e suas categorias, pode utilizar de metodologias que aproximem os alunos do objeto de estudo, tais como, estudo do meio, observação e análise das paisagens, práticas como a construção de maquetes, e as viagens de estudo ou saídas de campo. No presente

trabalho optamos pela saída de campo, como ferramenta metodológica para perceber o espaço rural/urbano, através da categoria paisagem.

A análise da paisagem e a percepção do espaço

A geografia é a disciplina que se propõe a estudar a realidade do mundo, utilizando categorias de análise, sendo a paisagem uma delas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A categoria paisagem, porém, tem um caráter específico para a geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente. (BRASIL, 1997a, p. 11).

As orientações didáticas presentes nos PCNs (BRASIL, 1997 b), explicam que a abordagem dos conteúdos de geografia do primeiro e segundo ciclos principalmente, insere-se na perspectiva da leitura da paisagem, o que permite aos alunos conhecerem os processos de construção do espaço geográfico. A leitura da paisagem a partir dos locais onde os alunos vivem, dá subsídios para a leitura de outras paisagens, de tempos e espaços distintos. Conforme Lorini & Persson (2001) a paisagem é concebida como um texto, portanto, presta-se a uma multiplicidade de leituras, o que implica a continuidade desta leitura, interpretação e identificação das informações geográficas e ambientais, no decorrer dos demais ciclos e anos escolares da educação básica.

Permitindo perceber o espaço geográfico, mesmo não sendo o espaço em si, a paisagem se mostra como uma imagem de dito espaço. Constitui a aparência (que possui a essência), o que é visível, ou seja, ela é uma fotografia que expressa o que existe por detrás dela, como a historicidade, o movimento (fluxos), as contradições (jogo de forças), os elementos (fixos) e as resultantes do jogo de forças dos homens entre si, e desses com a natureza. Assim, a paisagem é mais do que um conjunto de elementos, ela compreende e expressa todas as relações que se desenvolvem no espaço geográfico, exprimindo as heranças que representam as sucessivas relações existentes entre o homem e a natureza, possuindo dinamicidade. (SANTOS, 1996).

Dependendo de como observamos e analisamos os aspectos da paisagem, podemos perceber sua essência, significados, histórias e contradições. Embora ela seja aquilo que se vê, a visão de cada observador depende da localização em que se encontra (CALLAI, 2000), assim como, dos conhecimentos anteriormente adquiridos, ou da sua capacidade individual de observação. Portanto, cada ser humano possui maneiras diferentes de perceber o mundo à sua volta, utilizando os sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato. No estudo da paisagem a visão é um dos sentidos mais utilizados, e através do qual, cada espectador observa e descreve elementos diferentes, explicando a paisagem de acordo com um olhar particular, e detectando elementos com os quais se identifica.

Os elementos que constituem determinada paisagem são um universo de objetos com vários signos. Para Nascimento et al (2009) é a visão, quase na sua totalidade,

que consegue decifrar significados e funções. Assim, à medida que se processa o desenvolvimento mental, as informações recebidas pela percepção e pela imagem mental servem de subsídios às operações mentais, as quais, por conseguinte, influenciam direta ou indiretamente a percepção. A imagem por sua vez é o símbolo do objeto e pode ser formada como uma imitação interiorizada dele. Na ciência geográfica sob a ótica da percepção, a categoria paisagem adquire relevância à medida que é percebida.

A formação da imagem do ambiente é um processo recíproco entre o observador e o objeto, muito subjetivo e diferente para cada observador. Por este motivo, a imagem clara do meio ambiente constitui-se em importante estrutura para o crescimento do indivíduo. A qualidade da imagem varia individualmente, podendo um mesmo elemento ser vivo, envolver forma, textura, cor, significados e ser considerado concreto para um observador, ou pode ser bastante abstrato para outro (STEFANELLO, 2009).

No trabalho pedagógico, a leitura da paisagem pode ocorrer de forma direta, mediante a observação dos alunos sobre uma realidade vivenciada, ou por meio de fotografias, da literatura, de vídeos e relatos. Neste contexto, reforçamos a saída de campo em área de turismo rural, através do turismo pedagógico, como uma metodologia de ensino da geografia que proporciona aos estudantes a percepção do espaço, do meio ambiente, estimulando uma leitura mais abrangente e realista da paisagem.

Nesta metodologia de ensino que é o turismo pedagógico, não existe *certo* ou *errado*, mas sim, a oportunidade de trabalhar sobre as paisagens urbanas e rurais. Para isso, professores e alunos precisam ter objetivos claros, evitando determinados rótulos e estereótipos. Boligian (2004) explica que a percepção de uma paisagem depende da intenção do observador, ou seja, varia conforme seu objetivo e sua relação com o local observado. Será, portanto, função de professor direcionar o olhar das crianças de forma científica e pedagógica.

Em pesquisa realizada por Cavalcanti (1998), a paisagem foi trabalhada com intuito de captar a representação que as crianças tinham a respeito deste conceito. Partindo da observação da paisagem das casas até a escola, as crianças foram estimuladas a perceber a paisagem. Quando indagadas sobre o que representava a paisagem para elas, a maioria respondeu que paisagem lembrava um lugar bonito. Para a autora:

Observa-se nesses depoimentos que a idéia de paisagem que está sendo construída por essas crianças é estereotipada, é uma imagem, é um lugar idealizado, idílico. Não parece ser um lugar real, onde vivem pessoas comuns, onde trabalham pessoas comuns. É, além disso, uma imagem estática, que não apresenta dinâmica, que não se transforma sem deixar de ser paisagem. Ou seja, a imagem de paisagem para a maioria desses alunos parece ser a de uma estampa de parede, retrato de uma “folhinha”, um quadro do tipo que comumente é encontrado pendurado em paredes de casas populares.(CAVALCANTI, 1998. p.49).

Analisando esta pesquisa, constata-se que uma característica importante a ser trabalhada no conceito de paisagem é sua dinâmica, pois seus elementos não estão estáticos ou imóveis, eles se movimentam e se modificam. Portanto, as paisagens revelam as atividades que são desenvolvidas, o que as pessoas estão fazendo em determinado

momento e, como se relacionam entre si e com o espaço e seus elementos naturais ou construídos.

Callai (2009) aborda o elemento “tempo” na observação da paisagem, ou seja, para o autor ao revelar a realidade do espaço em um determinado momento histórico, as paisagens apresentam o espaço construído ao longo do tempo de vida das pessoas, considerando a forma como vivem, incluindo o tipo de relação que estabelecem entre si e com os elementos geográficos.

Mesmo não tendo a clareza teórica das questões acima abordadas, as famílias da Acolhida na Colônia que se colocam a disposição de receber alunos nas suas propriedades através do turismo pedagógico, falam da história das pessoas que ali vivem, dos recursos de que dispõe e como os utilizam. Os elementos abordados na história dos agricultores, na arquitetura, nas técnicas de produção estão presentes na paisagem rural, e oferecem os subsídios necessários para os professores mediar com os alunos, percepções sobre a paisagem.

Esta mediação dos discentes é importante, pois como abordado por Santos (1988, p. 62) “*a percepção da paisagem é um processo seletivo de apreensão*”. Assim, embora a paisagem seja única, o modo como é percebida envolve subjetividades e visões de mundo. A aparência estática, os adjetivos, valorações e/ou depreciações que lhes são atribuídas são resultados de percepções superficiais. Desta forma, a apreensão deve buscar compreender o que está além do visível ou observável, ela envolve a busca de explicações sobre o que está por detrás da paisagem, ou seja, histórias, modos de vida, atividades, conflitos.

O contato promovido entre alunos e agricultores, busca desenvolver a leitura e apreensão da paisagem rural de forma dialógica, complementando o trabalho realizado em sala de aula, apoiado em livros didáticos e outros materiais. Neste sentido, Braun (2005 p. 12) coloca que:

Metodologias como a pesquisa da realidade ou estudo do meio com o trabalho de campo, possibilitam compreender o mundo da vida indo além da simples transmissão de conteúdos, permitem investigar e pensar o espaço e nele organizar-se e viver melhor.

Ferramentas como saídas de campo têm se mostrando fundamentais para o trabalho pedagógico da geografia escolar, permitindo trabalhar temas diversos através de uma visão sistêmica e transdisciplinar, apresentando-se como uma opção de atividade curricular e extracurricular em expansão neste início do século XXI, tanto nas escolas da educação básica, como nas universidades.

Turismo pedagógico

As atividades turísticas vêm crescendo e alcançando vários espaços. A geografia tenta incorporar esta dimensão do turismo em suas pesquisas e práticas de docência, visto que, o turismo vem proporcionando transformações na organização e ressignificação dos espaços geográficos.

O turismo pedagógico é mais um nicho a atividade turística, na intenção de captar um novo público. Esta atividade proporciona a saídas dos estudantes da sala de aula, levando-os para espaços diferenciados, cabendo ao professor escolher o local de acordo com os objetivos que quer alcançar, dentro de seu projeto pedagógico. Por envolver uma ou várias turmas, as situações de aprendizagens que são criadas durante o processo incluem pelo menos três momentos: i) o planejamento, de preferência com a participação de pais, alunos e corpo docente; ii) a execução, ou seja, realização da saída ou passeio; iii) as atividades de retorno.

O planejamento é importante para estabelecer os objetivos, o roteiro de visitas, a conscientização/informação dos pais, definição de horários de saída e chegada, entre outros. A execução é o momento mais importante e contempla a chegada dos alunos ao destino, acolhimento, realização das atividades previstas, observação, coleta de dados, interações. É neste momento que os alunos captam a paisagem, seja através do olhar (por vezes dirigido), do olfato, gustação, observação ou sentimentos. As atividades de retorno são igualmente importantes, pois é neste momento que professores e alunos produzirão a sistematização dos conhecimentos, seja através da organização de relatórios, painéis com fotos ou imagens, desenhos, textos, podendo-se ainda contar com os recursos multimídia para apresentações e armazenamento de materiais produzidos (PERINOTTO, 2008).

O turismo pedagógico, enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem trabalha a construção do conhecimento para além dos aspectos históricos, culturais e sociais observados na realidade visitada. Estimula também o desenvolvimento humano em relação a valores como: companheirismo, responsabilidade, valores éticos e estéticos, cuidado com o outro, respeito, iniciativas e solidificações de amizades.

Na área rural, o turismo pedagógico se caracteriza como o conjunto de atividades que permitem aos alunos vivenciarem experiências diferentes e confrontá-las com o seu cotidiano. Estas atividades estão geralmente relacionadas a temas como meio ambiente, produção agropecuária, história, cultura, gastronomia, línguas. De acordo com Klein *et al*:

Embora seja um conceito bastante abrangente, a definição possibilita a compreensão de que o turismo rural pedagógico, desenvolvido no âmbito das propriedades rurais, contempla diferentes funções, dentre as quais, a função educativa e a função ambiental. A primeira delas, relacionada ao aprendizado proveniente das vivências práticas nas propriedades rurais, favorecendo a ampliação do universo cultural e a aquisição de novas habilidades e novos conhecimentos. A segunda, associada à preservação e ao cuidado com o ambiente, viabilizado pelo contato direto com os elementos da natureza (KLEIN *et al*, 2011, p. 111).

Pautados nestas duas funções, educativa e ambiental, a Acolhida na Colônia busca desenvolver atividades que viabilizem a troca de saberes, e auxiliem na construção do conhecimento geográfico. A interação dos homens com a natureza, e suas conseqüências, pode ser observada na paisagem rural, permitindo confrontar a mesma interação na paisagem urbana, através de diversos elementos que serão elucidados a seguir.

A proposta de turismo pedagógico rural da Acolhida na Colônia

O objetivo principal da proposta pedagógica da Acolhida na Colônia é contribuir para a construção do conhecimento das crianças e jovens, futuros formadores de opinião, fazendo uma relação do contexto da agricultura familiar com a preservação dos recursos naturais e paisagens rurais, assim como, a promoção da segurança alimentar e nutricional, através do conhecimento empírico. O contato dos alunos com a realidade rural possibilita a inserção dos mesmos enquanto sujeitos, promovendo uma reflexão sobre suas ações, além da possibilidade de articular e religar um conjunto de conceitos trabalhados de forma disciplinar e fragmentada na sala de aula.

A Acolhida na Colônia, na construção de sua proposta de turismo pedagógico levou em consideração dois elementos fundamentais: i) a observação, a partir da qual os alunos estabelecem por si só, as relações entre o ser humano e seu entorno e; ii) a interação, através da qual agricultores expõem e expressam seus saberes empíricos de acordo com o interesse dos alunos, garantindo a troca de conhecimentos e a autenticidade da proposta. A mediação desta interação deve ser feita pelos professores, auxiliando os alunos no avanço e superação da ação puramente contemplativa da paisagem.

Partindo destes dois elementos, as atividades oferecidas pela Acolhida na Colônia são bastante diversas e estão integradas ao movimento corriqueiro das propriedades rurais, como plantio, trato dos animais, colheita dos ovos, cuidados com a casa e a própria culinária. Opções mais ligadas à natureza como trilhas em meio à mata, banho de cachoeira ou de rio, visita as rodas d'água que geram energia são também propostas. Estas atividades são o tempo todo permeadas por conversas, que contextualizam o modo de ser e de produzir dos agricultores, com a história da região e de seus moradores.

A paisagem observada pelos alunos no âmbito das propriedades rurais da Acolhida na Colônia é formada por elementos naturais e humanos. Os elementos naturais estão representados pela densa floresta, composta pelo bioma Mata Atlântica, que divide espaço com espécies exóticas como o pinus e eucalipto, e pela presença de rios, riachos e quedas d'água em abundância. Os elementos humanos são observados na arquitetura típica, produção agrícola, equipamentos utilizados, adensamento populacional, costumes e culinária. Apenas através da observação, os alunos já são confrontados por um conjunto de elementos que constituem aquela paisagem, não apenas vista, mas percebida, sentida e degustada. O diálogo estabelecido entre os agricultores e os alunos acrescenta às informações visuais, elementos históricos e culturais, que explicam as sucessivas relações entre o homem e a natureza que resultam naquela paisagem.

O *feedback* da Acolhida na Colônia com relação ao turismo pedagógico enfatiza que, o bom resultado do trabalho não depende apenas dos agricultores e atividades propostas, mas da maneira como os professores conduzem e estimulam seus alunos. Por este motivo, o professor quando promove uma saída de campo em propriedades rurais, precisa ter claro o objetivo que quer alcançar, preparar os alunos sobre o que deve ser observado e seguir uma metodologia, que inclui atividades que precedem a saída de campo, aquelas que são desenvolvidas no campo, e outras posteriores que buscam consolidar a reflexão dos alunos. Ao agricultor cabe mostrar sua realidade, compartilhar seu

conhecimento, fato que garante uma autenticidade à experiência, que se diferencia de atividades pedagógicas realizadas em ambientes construídos apenas para esta finalidade.

Metodologia

Conforme colocado anteriormente, as saídas de campo exigem uma organização que inclui planejamento, execução e avaliação. No âmbito da experiência de algumas escolas com o trabalho de turismo pedagógico da Acolhida na Colônia, a organização inicia com a definição do tema estudado. Em função da forte relação da Acolhida com a preservação do meio ambiente, sendo a produção orgânica de alimentos uma norma entre os associados, um tema comumente trabalhado, principalmente, com alunos dos anos iniciais é “a relação do alimento que consomem com o meio ambiente”. Embora cada professor aborde uma metodologia diferente, algumas atividades comuns são desenvolvidas em sala de aula. Os alunos refletem sobre o que comem e onde adquirem; são estimulados a indagar pais e avós sobre o que estes consumiam quando crianças; levam alimentos para escola, analisam os rótulos e descobrem conteúdo e precedência; discutem o que são alimentos de origem animal e vegetal; são indagados sobre como, onde e por quem os alimentos são produzidos. Recursos como mapas e pesquisas na internet são utilizados. Os mapas servem para identificar os locais de produção, distância dos centros consumidores, trajetos pelos quais percorrem os alimentos. Professores geralmente trabalham elementos da paisagem, como adensamento demográfico, disponibilidade de terra e água para a produção, e os reflexos da produção agrícola no meio ambiente. Estas informações criam expectativas quanto a saída de campo, mobilizando esquemas cognitivos para a aprendizagem dos alunos.

A escola entre em contato com a Associação e apresenta a demanda, informando o número de alunos e o objetivo da viagem. As propriedades a serem visitadas são definidas em comum acordo, levando em consideração o tamanho do grupo, o tempo disponível (com ou sem pernoite), e os assuntos a serem abordados. Cuidados como tipo de transporte são discutidos previamente, visto que as estradas rurais são freqüentemente estreitas e de chão batido. Definidos o roteiro e a data, e realizados os agendamentos, cada propriedade se prepara e reserva o dia para receber os alunos.

As visitas geralmente iniciam com o café da manhã em uma propriedade rural, onde são servidos produtos frescos ou transformados na propriedade, frutas nativas, e quitutes típicos. Neste primeiro momento os alunos são confrontados com uma alimentação diferenciada, sem produtos industrializados e embalagens. Os agricultores perguntam quem sabe de onde vem o leite, se as crianças conhecem as árvores que produzem as frutas que estão consumindo, dando início aos primeiros questionamentos. Na seqüência, apresentam as atividades a serem desenvolvidas, alertam para os cuidados que devem ser tomados dentro de uma propriedade rural.

Para iniciar o reconhecimento da paisagem, a primeira atividade é uma trilha em meia a mata. Além da visualização, os agricultores mostram e falam da diversidade de espécies que compõem a floresta atlântica, se atem a algumas espécies usadas antigamente para a construção das casas, dentre as quais, algumas não podem mais ser cortadas por se encontrarem em extinção, dado o seu uso predatório. Neste momento algumas relações

são feitas com a história da colonização da região, da relação dos colonizadores com o ambiente natural e com as matérias primas disponíveis. Muitas reflexões podem ser feitas durante a caminhada, sobretudo, com enfoque na preservação do ecossistema, relacionado-o com a qualidade da água e do ar, a permeabilidade dos solos, entre outros.

Como a compreensão da realidade não se dá apenas pela observação do ambiente e pelas informações recebidas, mas também através de outros sentidos como o olfato, o tato e a audição, os alunos são estimulados a sentir o frescor e a umidade do ar, os odores, aromas e texturas (figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3: Atividades na trilha: Agricultores interagindo com as crianças.

Fonte: Acolhida na Colônia, 2011

A partir do momento que os alunos recebem as informações sobre a história da região, e o relacionam com a paisagem, vão aos poucos desconstruindo a imagem de paisagem idealizada, idílica e estática, a qual Cavalcanti (1998 e 2008) se refere.

Os professores, enquanto mediadores do processo devem estimular os alunos a confrontar aquela realidade, com o que foi discutido em sala de aula através de perguntas, indagações e informações auxiliares, contribuindo para a construção do conhecimento. Cabe ressaltar que o papel do professor é o de propor as questões problematizadoras, para que os alunos possam transformar as observações em conhecimento científico. Ao agricultor cabe desenvolver os temas com base no seu saber fazer e conhecimento empírico, porém integrado e transdisciplinar.

Para complementar as observações realizadas durante a caminhada, alguns agricultores optam por desenvolver atividades com apoio de materiais pedagógicos, (figuras 4 e 5) geralmente jogos e brincadeiras elaboradas nas propriedades, para trabalhar determinados temas de forma lúdica. Na foto à esquerda, simula-se através de representação do ambiente urbano e rural, como se dá a absorção da água da chuva em solos cobertos por asfalto (urbano) e solos cobertos por vegetação (rural) e sua relação com as inundações. Na foto a direita, as crianças são levadas a reconhecer espécies vegetais, utilizando outros sentidos como tato e olfato.



Figuras 4 e 5: Atividades com apoio de material pedagógico.
Fonte: Acolhida na Colônia, 2011.

Para relacionar a produção de alimentos e a preservação ambiental os agricultores desenvolvem atividades de plantio (figuras 6 e 7), explicando aos alunos o que diferencia a produção orgânica da convencional, desde o preparo do solo, adubos e produtos utilizados, até o cuidado com as plantas. Os agricultores falam sobre a produção familiar de pequena escala, comparado-a à produção convencional e em grande escala (*commodities*) e relacionado-a a preservação dos ecossistemas. Questões com relação ao uso excessivo de embalagens e aditivos químicos vinculados à produção convencional e à indústria de alimentos, também são abordados nesta atividade. Assim, além de refletirem sobre diferentes formas de fazer agricultura, os alunos são estimulados a relacionar suas consequências sobre o meio ambiente e a segurança alimentar e nutricional.



Figuras 6 e 7: Os alunos e agricultores em atividades de plantio.
Fonte: Acolhida na Colônia, 2011.

Para complementar esta reflexão são desenvolvidas atividades culinárias. Partindo da observação de Hernández e Arnáiz (2005) que entendem que “a cozinha de um país é a sua paisagem colocada na panela”, os alunos são convidados a colher alguns produtos na propriedade para atividades culinárias. Literalmente com “as mãos na massa”, eles refletem sobre as vantagens de uma alimentação natural, com produtos frescos, produzidos sem agrotóxicos, relacionando o ser humano enquanto parte de

um ambiente que precisa ser cuidado, preservado. As percepções olfativas e gustativas permitem aos alunos estabelecer comparações entre a alimentação produzida na propriedade com aquela industrializada, consumida com frequência nos centros urbanos.

As temáticas a serem trabalhadas no turismo rural pedagógico são inúmeras, vão desde a interação entre agricultores e alunos, observações e reflexões propostas pelos professores e a continuidade de atividades na sala de aula. O grande diferencial do turismo rural pedagógico é que a troca de saberes é mútua, a construção do conhecimento é significativa, ampliando o olhar não apenas dos alunos e professores, mas também dos agricultores.

Após o desenvolvimento do “Projeto de Turismo Pedagógico da Acolhida na Colônia”, apoiado pelo Ministério do Turismo, a Associação convidou sessenta e três turmas do primeiro ao quinto ano do ensino básico, de 11 escolas públicas dos municípios de Santa Rosa de Lima, Anitápolis e Urubici. O objetivo foi validar as atividades pedagógicas, sendo que, as escolas foram escolhidas pela proximidade dos roteiros municipais da Acolhida na Colônia, já que não previram pernoite.

Os dados a seguir se referem à avaliação que alunos e professores foram submetidos após a saída de campo, e foram gentilmente cedidos pela Acolhida na Colônia, para compor o presente trabalho. No total foram 609 alunos e 77 profissionais (professores, coordenadores pedagógicos, diretores de escolas e nutricionistas) que visitaram as propriedades rurais e vivenciaram as atividades pedagógicas. Profissionais e alunos responderam aos questionários de avaliação, que buscaram mensurar alguns indicadores como: atendimento; infra-estrutura das propriedades; material de apoio lúdico-pedagógico; didática do (a) agricultor (a); inter-relação entre agricultores/alunos; conhecimento sócio cultural transmitido; refeições. Os resultados quantitativos destes indicativos estão apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Avaliação dos profissionais

Indicadores	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	NR*
Atendimento	69	8			
Infra-estrutura	48	28	1		
Material de apoio lúdico-pedagógico	45	31	1		
Didática do (a) agricultor (a)	57	20			
relação agricultores/alunos	65	12			
Conhecimento sócio-cultural transmitido	56	21			
Refeições	65	11	1		

*N.R. Não respondeu

Fonte: Acolhida na Colônia, 2011

Quando questionados se as atividades lúdico-pedagógicas proporcionaram vivências de qualidade aos alunos, os profissionais foram unânimes em responder que sim. Entretanto, apenas alguns elencaram os motivos para esta resposta, dentre os quais: oportuniza vivências (15); promove a interação das crianças com o meio rural e com o agricultor (13); permite conhecer a história (13); mostra na prática o que acontece na natureza (11); auxiliam nas atividades em sala (11); retrata a vida simples

e a preocupação com o meio ambiente (9); permite a transmissão de conhecimento (8); diferencial é a produção orgânica (7); contato com a natureza (5); permite a construção do conhecimento e aquisição de experiência (4); trabalha com a realidade das crianças e desperta seu interesse (3); permite a interação com os animais (3).

As crianças também responderam ao questionário de avaliação. Este foi preenchido em sala de aula junto com os professores, que auxiliaram os alunos, explicando sobre os indicadores. As respostas quantitativas estão reunidas na tabela 2.

Tabela 2. Avaliação dos alunos

Indicadores	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	N.R.*
Atendimento	562	47			
Material de apoio lúdico-pedagógico	417	82			
Relação agricultores/alunos	527	72			
Refeições	554	41	14		

*N.R. Não respondeu

Fonte: Acolhida na Colônia, 2011

A questão aberta sobre o que os alunos mais gostaram, foi preenchida em forma conjunta com cada turma, de forma que não existe um indicador numérico, mas apenas as respostas mais frequentes, tais como: atividades de plantio na horta; explicação sobre polinização; ensinamentos sobre a preservação da natureza; brincadeiras; produção orgânica; visita à cachoeira; contato com os animais; visualização do engenho; passeio de trator. Dentre os pontos fortes das atividades propostas, a resposta que apareceu com mais frequência foi o contato com os animais

Considerações finais

A educação básica e as disciplinas curriculares vivem uma permanente reflexão sobre como entender e explicar às crianças e aos jovens, a realidade e o mundo que os cerca, buscando nas metodologias alternativas, formas significativas de aprendizagem. É o caso das saídas de campo, que neste trabalho foram abordadas através do turismo rural pedagógico da Acolhida na Colônia.

O turismo rural pedagógico rural se apresenta como metodologia para práticas de docência, dinamizando o processo de ensino e aprendizagem. No caso deste artigo, a disciplina trabalhada foi de geografia, utilizando a paisagem como categoria de análise para a compreensão do tema proposto, seja a “relação da produção de alimentos com o meio ambiente”.

A paisagem, como um dos conceitos-chave ou categoria de análise para o estudo da geografia, possui um caráter subjetivo, o qual depende do observador, de sua visão de mundo e conhecimentos prévios. Neste sentido, a interação entre alunos e agricultores é fundamental, visto que, os alunos chegam com um olhar de ‘fora’, pré-construído com os professores em sala de aula e por suas percepções individuais. Estes são confrontados com o olhar de ‘dentro’, ou seja, dos construtores daquela paisagem, que a relacionam

com a história, cultura e o fazer do povo que ali vive. O encontro destes dois olhares resulta na construção conjunta do conhecimento.

O objetivo de relacionar a produção de alimentos com a questão ambiental é alcançado pela proposta de turismo pedagógico da Acolhida na Colônia. As atividades propostas relacionam a produção orgânica, diversificada e desenvolvida em pequenas propriedades rurais com a preservação ambiental. Esta pode ser observada quando as propriedades rurais visitadas - cujas famílias são comprometidas com a preservação das matas e da água - são comparadas às outras que compõem a paisagem da região, e dedicam-se a monocultura de fumo ou de espécies exóticas como *pinus* e eucalipto. Além da observação visual, atividades como plantio na horta e oficinas de culinária trazem elementos sobre a qualidade dos alimentos orgânicos para a saúde homem, sensibilizando crianças e jovens sobre o papel dos agricultores familiares enquanto provedores de alimentos saudáveis, e enquanto guardiões da natureza.

A saída de campo, através do turismo rural pedagógico da Acolhida na Colônia, se mostrou uma ferramenta metodológica de ensino-aprendizagem, colocando alunos diante de uma realidade, que é resultado de relações sociais, da interação do agricultor com o meio ambiente e do seu vínculo afetivo o espaço rural. Além de promover a observação, o trabalho de campo quando bem conduzido, promove também a reflexão dos alunos, destes com o grupo, com familiares e amigos, não apenas sobre a identificação dos problemas, mas sobre suas possíveis soluções.

Referências

ACOLHIDA NA COLÔNIA. Associação de Agroturismo. **Relatório do Projeto “Fortalecimento e consolidação do Turismo Rural de Base Comunitária na Região das Encostas da Serra Geral – SC”**. Parceria com Ministério do Turismo, 2011.

BOLIGIAN, Levon. **Geografia: espaço e vivência**. São Paulo: Atual, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia, I e II ciclos**. Volume 5. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRAUN, A. M. S. Rompendo os muros da sala de aula: o trabalho de campo como uma linguagem no ensino da geografia. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós Graduação em Geografia – UFRS. Porto Alegre, 2005. 160 p..

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**. Ensaios sobre o ensino da geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. P. 83-132.

FERREIRA DE ALMEIDA, J. A. *et al.* Transdisciplinaridade: origem, conceito e possibilidades em sala de aula. **ANAIS: Comunicação, coordenadas soletras**. 2010. Disponível em: <http://200.201.18.20/files/Eventos/soletras/2010/anais/Comunicacao_coordenadas/soletras-2010-86.pdf> Acesso: 01 julho 2014.

FIGUEIREDO, P. H. de O. O trabalho de campo na Geografia Escolar como estratégia para a percepção da dimensão socioespacial do real. **Dissertação de Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local**. UNA. Belo Horizonte, 2012.

HERNÁNDEZ, J.C.; ARNAIZ, M.G. Alimentación, cocina e identidad cultural. In: **Alimentación y Cultura – Perspectivas Antropológicas**. Ed. Ariel, S.A. 2005

KLEIN, A.L.; TROIAN; A. SOUZA, M. de. O Turismo Rural Pedagógico e a Educação Ambiental: As Ações Pedagógicas Desenvolvidas na Fazenda da Quinta da Estância Grande – Viamão (RS). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. FURG/RS. v. 27, p. 107-121, 2011.

LORINI, M. L.; PERSSON V. G. A paisagem: um conceito diagonal entre as ciências geográficas e biológicas e um instrumento para a ciência transdisciplinar da biodiversidade. **Revista Estudos Ambientais**. Blumenau, v.3, n 2-3, 5-19, maio/dez 2001.

MACIEL, A.B.C.; MARINHO, F.D.P. A Paisagem no Ensino da Geografia: breves reflexões para docentes do Ensino Fundamental II. João Pessoa. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v.5, n.1-2, p. 61-71, 2011.

NASCIMENTO, R.; LIMA, G. FILHO, L. L. Mãos, cérebro e paisagem: triado do conhecimento para deficientes visuais através de maquetes geográficas táteis. In: NOGUEIRA, Ruth Emília. (Orgs). **Motivações hodiernas para ensinar geografia**. Florianópolis: Nova Letra, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

STEFANELLO, A. C. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

PERINOTTO, A. R. C. Turismo pedagógico: uma ferramenta para a educação ambiental. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro: Instituto Virtual de Turismo, vol. 8, nº 1, 2008.

WEIL, P.; D'AMBROSIO, U.; CREMA, R. **Rumo à nova transdisciplinaridade: Sistemas abertos de conhecimento**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1993. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=ptR&lr=&id=iPjTwgvVff8C&oi=fnd&pg=PA15&dq=transdisciplinaridade+e+Piaget&ots=X24ume6AmY&sig=ouV1KZhyAabk7pQ2LJ9S1MN6PqM#v=onepage&q=transdisciplinaridade%20e%20Piaget&f=false>>. Acesso: 02 jul. 2014.

Daniele Lima Gelbcke

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Agronomia pela mesma instituição.

R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900

E-mail: dani.gelbcke@gmail.com

ROSANI LIDIA DAHMER

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora da educação básica da rede pública estadual de Santa Catarina.

R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900

E-mail: rosanilidia@gmail.com

ROSA ELISABETE MILITZ WYPYCZYNSKI MARTINS

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Atualmente é Professora Adjunta na Universidade do Estado de Santa Catarina.

Av. Madre Benvenuta 2007. Itacorubi. Cep: 88035001 - Florianópolis, SC – Brasil.

E-mail: rosa.martins@udesc.br

Recebido para publicação em dezembro de 2014

Aprovado para publicação em setembro de 2015